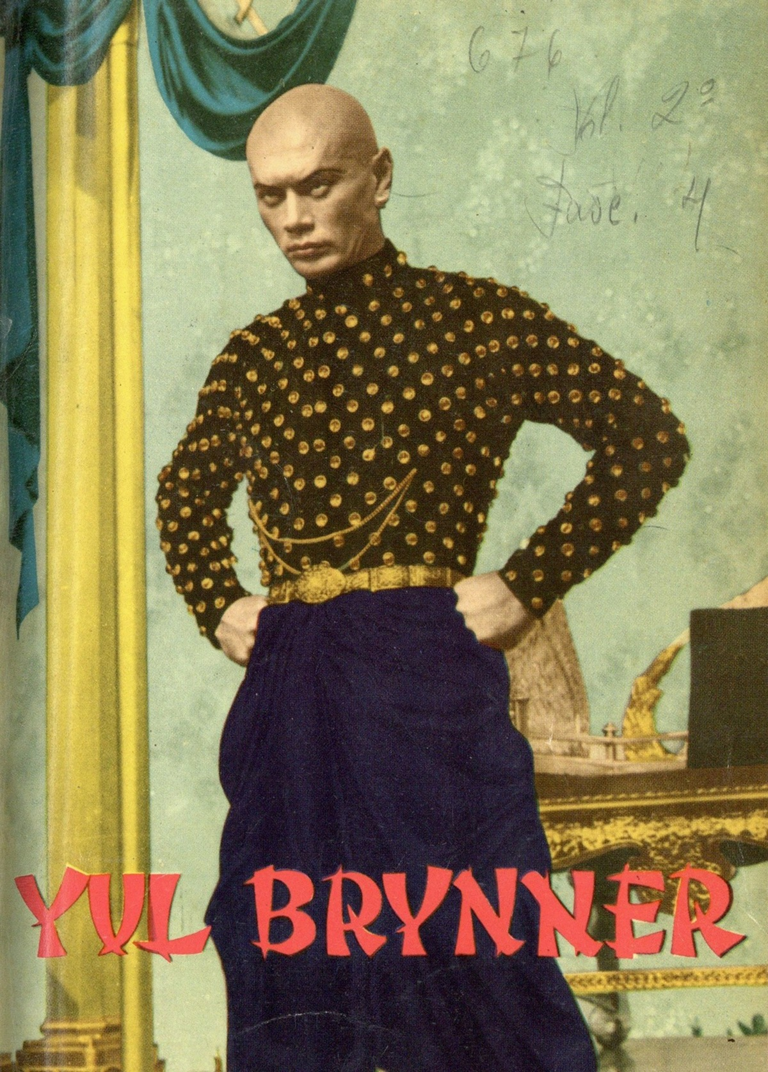
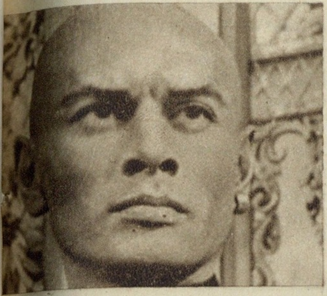

YUL BRYNNER

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

ÁLBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 4.º)
Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (Irmãos), Ltd.ª. Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

Yul Brynner



esse desconhecido

Apesar da existência na América dos jornalistas mais ousados do mundo inteiro, nenhum conduziu ainda Yul Brynner a revelar o seu verdadeiro bilhete de identidade.

Tudo quanto se sabe acerca da idade, naturalidade e nascimento de Brynner, deve-se aos inquéritos levados a efeito junto das pessoas de família do famoso actor.

Segundo tudo leva a crer, Yul nasceu na ilha de Sakhalin, na costa Este da Sibéria. Atribui-se a seu pai o nome de Taidjie Khan e a sua mãe o de Maria.

O nome de Brynner, de origem sueca, explica-se pelo facto do artista, em consequência da revolução russa, ter partido com dois anos de idade para a Suécia, onde toda a sua família mudou de nacionalidade.

Casado desde 1943 com a actriz Virgínia Gilmore, Yul possui um filho chamado Rocky, e os três vivem numa modesta mas confortável residência situada em Beverly Hills — a artéria preferida pelos artistas de Hollywood.

Yul possui olhos castanhos escuros, mede 1 metro e 80 centímetros, e pesa 90 quilos. Já exerceu dezenas de profissões, nomeadamente engenheiro, actor de teatro, músico, guitarrista, cantor, instrutor de «ski», fotógrafo, etc. Viajou pela Europa, Ásia e América.

Americano por naturalização, Yul Brynner reclama o direito de manter invulnerável o mistério da sua vida...

Ainda não apareceu o jornalista capaz de o assaltar para lhe roubar o bilhete de identidade, talvez porque a arrojada iniciativa não seria compensada pelo seguro de vida...



um homem com fome de tigre...

Precisamente às 5 horas, todas as manhãs, numa pequena casa de madeira vermelha, em Beverly Hills, um homem calvo, aparentando 30 anos de idade, levanta-se com a tormentosa convicção de que a morte o espera a cada instante. Trata-se de Yul Brynner, o galã que domina a América e que se guindou, apenas com três filmes, a uma popularidade jamais conhecida por qualquer outro artista de cinema depois de Rudolfo Valentino.

Antes de penetrar na casa de banho, Brynner invade a cozinha; o seu pequeno almoço consiste num grande bife, às vezes dois, acompanhados com café.

Quando chegam as 9 horas, uma fome de tigre ataca-o novamente. Brynner abandona o trabalho e devora uma nova refeição suculenta, em poucos minutos...

Até às 12 horas, Brynner aproveita os mais pequenos intervalos de filmagens para alimentar o seu apetite insaciável com grandes sanduíches de carne.

Para o almoço, ele tem costeletas de carneiro, bifes, peru ou carne assada. Isto, porém, é como uma gota de água no oceano da sua fome de tigre. Quando as filmagens não o prendem, Brynner sai para tomar sanduíches e bolos numa esplanada ao ar livre. Da parte da tarde, ele refresca-se várias vezes com duches.

Ao jantar, Yul come grandes quantidades de carne assada, com pão, batatas e fruta. Toma um duche frio antes de se deitar, e, pouco depois, dorme profundamente.

Depois do almoço, Yul poderia dormir a sesta, mas prefere renunciar a esse descanso, porque dormita dificilmente, em consequência da fome que o perturba.

Esta propensão para comer não afecta o invejável físico fotogénico deste homem lendário, que pratica ginástica muito raramente.

No palco ou no «écran», Brynner exibe um tronco musculoso e uns braços fortes e redondos, suscitando inveja a muitos galãs anémicos, que se alimentam com cuidados dietéticos para evitar a obesidade, monstro n.º 1 dos artistas cinematográficos.

Qual o segredo deste homem com fome de tigre, que relega para o esquecimento todas as normas de alimentação, indiferente às consequências do seu apetite devorador?

Ninguém sabe. Mas constitui, de facto, um dos muitos mistérios que envolvem a enigmática personalidade do careca mais bonito do cinema.

Yul ensinou Ingrid a dançar!



Em «Anastásia», Ingrid Bergman dançou com elegância, juntando à sua magnífica interpretação mais essa nova faceta do seu múltiplo talento. Mas quem ensinou a notável actriz sueca? Este segredo, recentemente revelado por Ingrid, acrescenta mais um título ao surpreendente Yul.

Ingrid, embora se mostrasse uma aluna inteligente e aplicada, atribui todo o seu êxito ao seu professor de coreografia, o homem dos mil e um ofícios — Yul Brynner. Ambos trabalharam numa camaradagem perfeita, verdadeiramente exemplar, e hoje permutam correspondência como efeito da amizade criada.

Foi Brynner, aliás, quem ensaiou e dirigiu toda a parte coreográfica de «Anastásia», conforme as fotos desta página documentam.

Eis, pois, mais um título a juntar a muitos outros: Yul, coreógrafo!



Meio milhão de dólares por ano...

Brynner ganha hoje 500.000 dólares por ano (qualquer coisa parecida com 14 mil contos por ano!) mas não se envergonha de confessar que a sua primeira intervenção no cinema lhe proporcionou um «cachet» escasso e magro, qualquer coisa como o suficiente para pagar a pensão...

Os filmes de Brynner figuram à cabeça das mais caras produções de Hollywood!



«OS DEZ MANDAMENTOS»

Por volta de 1950, despontou em Hollywood uma nova geração de actores, que rompeu com o conceito, enraizado durante longos anos entre os produtores, do galã bonitinho, tipo Tony Curtis, Rock Hudson e Tab Hunter.

Até então, os realizadores lutavam com sérias dificuldades para encontrar, em vez de rapazinhos demasiado preocupados com a sua aparência física, actores verdadeiros, com sensibilidade artística, impregnados do desejo de viverem os seus personagens e de criarem um novo estilo de representação cinematográfica.

Deve-se a Fred Zinnemann — o realizador de «Até à Eternidade» — o aparecimento de Marlon Brando em Hollywood, depois de descoberto no famoso «Actor's Stúdio» de Nova Iorque.

Os primeiros filmes de Marlon Brando — «O Desesperado», ao lado de Teresa Wright, e «O eléctrico chamado desejo», ao lado de Vivien Leigh — constituíram um «volte-face» das normas vigentes nos estúdios de Hollywood, quanto à escolha de galãs cinematográficos.

Assim, graças a Marlon Brando, puderam vingar novos artistas como Richard Egan, Montgomery Clift, o inesquecível James Dean, e, mais recentemente, Paul Newman («O Cálice de Prata»), Rod Steiger («Oklahoma» e «A Queda de um Corpo») e John Cassavetes («Juventude em Perigo»). Esta nova geração de actores encontrou em 1956, finalmente, o seu mais representativo trunfo: Yul Brynner, o primeiro galã careca de Hollywood!

Yul já trabalhara no cinema em 1947 (com uma atraente cabeleira negra...), passando despercebido no papel de vilão de um pequeno filme: «O Porto de Nova Iorque», filmado no próprio local da história e dirigido por Laslo Benedek (anos mais tarde realizador de «A morte de um caixeiro viajante»).

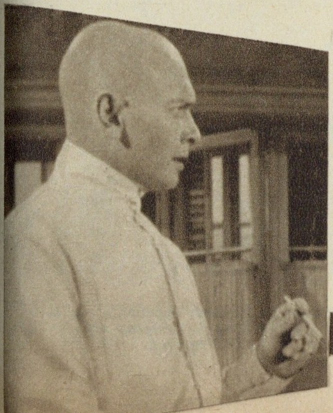
Durante quatro anos consecutivos — 1952 a 1955 — Yul Brynner trabalhou como primeira figura da peça «O Rei e Eu», nos palcos da Broadway, onde recebeu todos os prémios outorgados a um artista de teatro na América: o «Donalson Award», o «Antoinette Perry Award», o «The Critics Circle Award» e o «New York Times Award».

A este sucesso teatral deve Brynner a oportunidade que o guindaria ao estrondoso êxito que desfruta hoje no cinema e na televisão.

Por outro lado, contribuiu também, em grande parte, para esta rápida ascensão de Yul Brynner no firmamento cinematográfico, a circunstância da 20th Century Fox, inaugurando com «O Rei e Eu» o seu novo processo de Cinemascópio em 55 mm., ter desencadeado sobre o seu novo «astro» uma das mais amplas e intensas campanhas de publicidade jamais levadas a efeito para o cinema.



«O REI E EU»



«ANASTÁSIA»

Muito antes de «O Rei e Eu» ser exibido ao público, já Yul Brynner enchia as páginas dos magazines de cinema e actualidades com centenas de «poses», acompanhadas de notícias sobre a sua estranha e exótica personalidade.

A «Fox» despendeu na produção deste filme 4 milhões e 300 mil dólares. Brynner no papel do Rei do Sião, polígamo, tirano, pretencioso e cruel, exibiu um dos mais luxuosos guarda-roupas apresentados até

(Continua na pág. 22)

—Confio em que isto não seja brincadeira. A estatueta é que já não devolvo...

— declarou Yul Brynner ao receber o «Óscar» da Academia

A atribuição do «Óscar» de Hollywood, em 27 de Março findo, galardoando o melhor actor do ano, surpreendeu os cinéfilos do mundo inteiro. A grande maioria esperava que o prémio coubesse a Kirk Douglas, pela sua interpretação no filme «A vida apaixonada de Van Gogh». Mas, contra quase todas as previsões, a Academia outorgou o «Óscar» a Yul Brynner pelo seu desempenho em «O Rei e Eu».

As razões desta decisão justificam-se plenamente pelo facto de Yul Brynner ter alargado os horizontes da arte de representar. Quer dizer: na sua magnífica interpretação em «O Rei e Eu», Yul não compôs apenas um personagem inteiramente integrado na atmosfera e na acção do filme, mas também se impôs — e aí reside o seu principal mérito — por uma personalidade diferente e original, por uma maneira característica de representar, por uma presença simultâneamente simpática e detestável.

Muitos cinéfilos atribuem o êxito de Brynner à experiência que adquiriu no palco durante os quatro anos de representação de «O Rei e Eu» na Broadway. Mas, seja como for, com quatro anos de experiência ou não, Yul Brynner conseguiu ser mais fascinante, mais enigmático e mais humano que Rex Harrison — um actor inglês de indiscutível classe — no anterior filme sobre o mesmo tema: «Ana e o Rei do Sião».



O sorriso de Brynner exprime a sua satisfação ao receber o cobiçado «Óscar» de Hollywood.



Anna Magnani (Óscar de 1955) e Yul Brynner (Óscar de 1956), riem às gargalhadas, indiferentes à solenidade da cerimónia dos prémios da Academia... Quem teria sido o autor da piada? Devia ser fresca, pela certa...

A decisão do júri da Academia, baseada certamente nestes factos e não em possíveis influências dos produtores, merece, ao fim e ao cabo, ser considerada justa.

De resto, na situação de marasmo que reina em Hollywood a respeito de novos actores, o aparecimento de Yul Brynner não poderia deixar de ser saudado de maneira diferente.

Parece-nos, aliás, que a injustiça não está em Brynner ter sido premiado.

ATENÇÃO!

Podeis escrever ao vosso ídolo, a pedir fotos ou a enviar impressões, dirigindo a vossa correspondência para

YUL BRYNNER

Paramount Pictures
5451, Marathon Street

Hollywood, 38
Califórnia (U.S.A.)

Boa sorte nas respostas...

Fala o DR. SCHIPP professor de moral do estudante BRYNNER

Constantemente assediado pelos jornalistas, Yul Brynner já alterou 12 vezes a história da sua vida, para a adaptar ao seu temperamento de momento.

Certa vez, porém, ao revelar a um jornalista alguns aspectos da sua biografia, Brynner referiu ter estudado Filosofia em Northwestern University, com o Dr. Paul Arthur Schipp.

O jornalista, ansioso por confirmar o facto biográfico, dirigiu-se então ao citado professor, para indagar a sua opinião acerca do estudante Brynner.

Eis a resposta do Dr. Schipp:

— «Sim, Mr. Brynner foi estudante na minha aula de moral, assim como de Filosofia, no inverno de 1955, aqui em Northwestern. Ele trabalhava, então, no filme «O Rei e Eu», mas sei que nas horas livres preparava outras coisas mais além das aulas. O meu julgamento sincero é que ele foi o mais brilhante estudante que jamais tive.

Se numerosos estudantes de Filosofia de Northwestern se surpreendiam por terem por colega um atleta mongol, com caracterização de rei siamês mal retirada da face, outros estudantes amedrontavam-se. Brynner também frequentou e passou brilhantemente os cursos de técnica de fotografia. Além de tudo isto, Brynner assinalou a sua passagem pela Universidade como encenador do grupo teatral composto pelos estudantes».

O Dr. Schipp confessou que não perdeu ainda uma única exibição de «O Rei e Eu» na sua cidade.

Uma opinião de DEBORAH KERR *intérprete de O REI E EU*



«NÃO SE PARECE COM NINGUÉM, É CALVO, BAIXO, TEM AS ORELHAS DESCOLADAS, MAS É IRRESISTÍVEL. TUDO NELE SÃO CONTRASTES...»

YUL e os barbeiros...
...ou o «slogan» dos clubes femininos

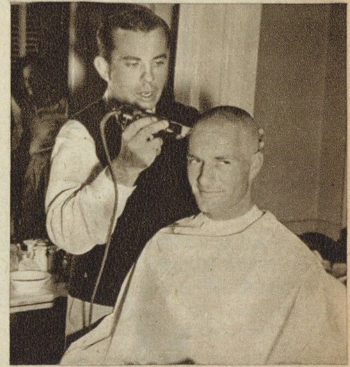
«NÓS GOSTAMOS DOS CARECAS»

...MAS SER CARECA NÃO É VIRTUDE...

A tradicional aversão dos barbeiros pelos sem-cabelo, mudou radicalmente quando Yul Brynner lançou a moda do crânio liso.

Assim, na América, multiplicam-se hoje os homens que ostentam orgulhosamente cabeças luzidias, «à Brynner». Graças ao «slogan» lançado pelos clubes femininos, depois da estreia de «O Rei e Eu», a careca parece dispor hoje de extraordinária popularidade...

De resto, no nosso país já se observam com certa frequência as tendências «brynnescas» dos mais ousados adeptos das modas capilares...



Este senhor, de expressão sorridente, chamado Hugh O'Brien, para desempenhar o papel de um pele-vermelha, em 1953, sacrificou a sua cabeleira negra, ondeada.

O barbeiro do estúdio não se condoeu, e aliás, o próprio O'Brien, segundo parece por esta foto, não ficou muito preocupado com o desaparecimento dos seus magníficos cabelos.

Esta foto, todavia, não pertence à história...

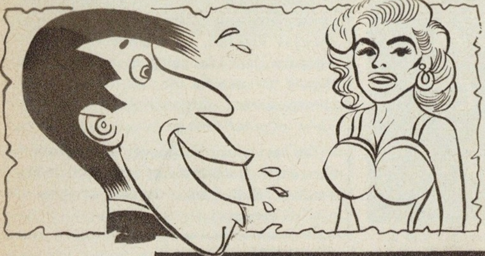
Os crânios, mais lisos que melões, nem sempre triunfaram. Ser careca não é virtude...

O lado cómico da careca de Brynner

De pequenino é que se torce... o melão...

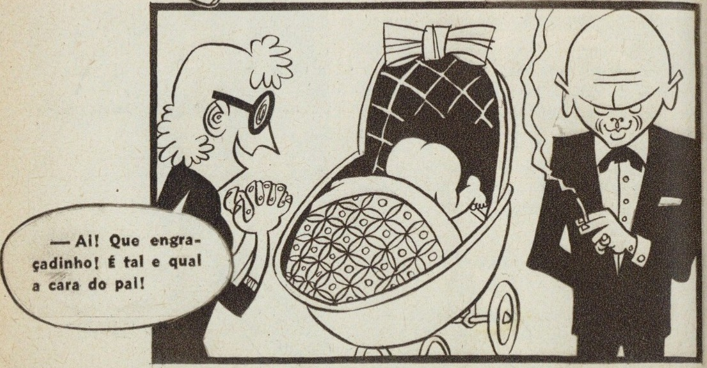


6 MESES — 20 ANOS — 34 ANOS



O primeiro encontro de Jerry Lewis com Jayne Mansfield:

— Olha, olha!... Dois Yul Brynner's!



(Desenhos de JOSÉ ANTUNES)

RETALHOS DA VIDA DE BRYNNER

APROVEITE QUE VALE A PENA

Um jornal de Londres abriu um concurso destinado a encontrar uma explicação para o «sex-appeal» de Yul Brynner. O jornal oferece prémios tentadores!

★ Durante os intervalos das filmagens de «Anastásia», Brynner tocava a sua viola e cantava canções ciganas da Eslávia... Este processo revelou-se excelente para aliviar a tensão nervosa que Ingrid Bergman sofria... Eis uma sugestão para os maridos casados com senhoras doentes...

A MANIA DA FOTOGRAFIA

★ Yul é considerado um fotógrafo de mérito. Certo dia apareceu pendurado à porta do seu camarim, o seguinte letreiro:

FOTOGRAFIA

A PRETO E BRANCO E SÉPIA
SÒMENTE MEDIANTE INSCRIÇÃO
ROLOS REVELADOS TOTALMENTE ÀS ESCURAS
RESERVADO PARA SENHORAS

Tratava-se de uma partida de Ingrid Bergman...

«EU SOU UM HOMEM ENVERGONHADO»!

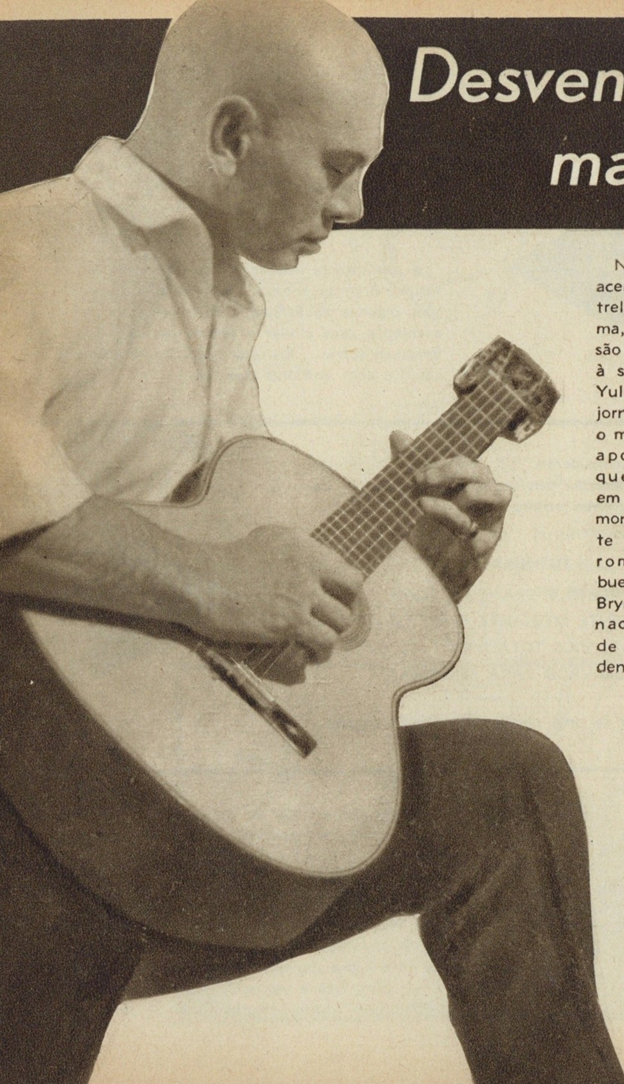
Numa conferência de imprensa, Yul revelou um dos misteriosos aspectos da sua personalidade: a timidez.

Brynner disse:

— «Estou habituado a enfrentar grandes audiências. Mas não me sinto à vontade em reuniões mundanas, e raramente as frequento. A verdade acerca de mim é que sou um homem muito envergonhado».

— «Sim, isto é verdade. Devo confessar que sou um homem muito envergonhado» — repetiu ele.

Desvenda-se o mistério do homem mais excitante do cinema



Nunca reinou, acerca das «estrelas» de cinema, uma confusão semelhante à suscitada por Yul Brynner nos jornais de todo o mundo, que o apontam frequentemente em parte como mongol, em parte como cigano romeno. Atribuem-se ainda a Brynner outras nacionalidades de sangue ardente, mas, segundo parece, trata-se apenas de um proveitoso jogo de publicidade.

Alguns anos atrás, quando Yul trabalhava na Broadway, os jornalistas citavam-no como russo, mas sem esconder o seu cepticismo... Hoje, parece definitivamente assente pelo bilhete de identidade do artista, que Yul nasceu na ilha de Sakhalin.

A respeito da idade de Brynner correm numerosas versões, que o classificam desde os 30 até aos 42 anos de idade. Quanto a este ponto, já não restam dúvidas: Brynner nasceu em 1923, contando, portanto, 34 primaveras.

Convém notar que todas as misteriosas histórias que circulam na imprensa nasceram na febril imaginação de Yul. Ele urde, com espantosa facilidade, aventuras por vezes inacreditáveis, que relata aos jornalistas como passos da sua vida agitada. Enquanto fala, Brynner olha fixamente para os jornalistas. Torna-se uma tarefa difícil entrevistá-lo, porque os seus olhos castanhos, hipnotizadores, tão fixos como os de um ídolo de marfim, impõem um respeito que não permite contradizer a ninguém as proezas que descreve com perfeita naturalidade.

«NÃO INTERESSA O QUE VOCÊ É; SÒMENTE O QUE FAZ E COMO VIVE»

A respeito do apetite voraz que Brynner sente com frequência, muitos jornalistas incrédulos têm procurado indagar a sua veracidade, mas sem êxito. De resto, Brynner advoga e pratica uma filosofia realista que resumiu nesta declaração:

«Não interessa o que você é; sòmente o que faz e como vive».

Além de estudante de Filosofia, matéria que poucos universitários transformados em artistas de cinema pretendem ter dominado, Yul Brynner ocupou-se das mais diversas actividades fora do palco ou dos estúdios:

Instrutor de «ski», jogador profissional de «jiu-jitsu», palhaço, guitarrista, fotógrafo, cantor, técnico de televisão, banheiro — as mais variadas profissões cruzam-se na vida aventurosa de Yul Brynner, que fala onze línguas, além de impecável inglês.

O PAI DE YUL ERA UM TITULAR MONGOL

Partindo destes elementos, a fantástica história da infância de Yul parece quase acreditável, apesar de ter por cenário diferentes países.

Segundo Yul Brynner declarou em fins de 1956 a um jornalista, seu pai, Taidjie Khan, de nacionalidade mongol, educou-se como engenheiro de minas na Universidade de S. Petersburgo, na Rússia Imperial. Khan, convém notar, representa um título equivalente a príncipe, como Genghis Khan ou Ali Khan.

De qualquer modo, Taidjie Khan (primeiro nome não divulgado) tornou-se um

Em Hollywood dizem que YUL BRYNNER conseguiu descobrir o poder magnético de RODOLFO VALENTINO!

homem rico na Mongólia e casou com uma jovem egípcia, de que se conhece apenas o primeiro nome — Maria, que morreu durante o parto de seu filho Yul.

Devido à Revolução Russa, o bebé Yul Brynner seguiu para a Suécia na companhia de seu pai e de sua avó materna.

Brynner é um nome sueco, tal como Jones, que o pai de Yul adoptou quando decidiu escolher a cidadania sueca.

Esta versão do nascimento e infância de Brynner choca contra outra divulgada pelos seus parentes residentes na América, e segundo a qual o actor de «O Rei e Eu» nasceu em Vladivostk, na Rússia, filho de Boris Brynner, negociante sueco, e de sua esposa Marie, uma bonita russa, cantora, que a morte ceifou em 1943.

Segundo esta versão, Yul foi levado para a China, onde seu pai se dedicou à extracção de prata e outros minérios de exportação.

Os idiomas chinês, mongol, francês e inglês, aprendeu-os Yul durante a sua permanência na China, até aos 13 anos. Nesta idade, acompanhado de sua avó materna, Yul partiu para Paris, onde frequentou um colégio interno durante sete meses.

Movido pelo espírito de aventura, Yul fugiu deste colégio, agarrou na guitarra, que aprendera a tocar com sua avó, e incorporou-se num conjunto de músicos ciganos.

Em pouco tempo, Yul começou a dedilhar a sua guitarra com maestria e a cantar bonitas canções ciganas, que lhe granjearam contratos em casas de espectáculos de luxo.

O RAPAZ DO TRAPÉZIO VOADOR

Depois de actuar em «shows» musicais, Yul reuniu-se a uma «troupe» de trapezistas e aprendeu a voar. Em vez de executar meramente como qualquer rapaz num trapézio voador, Yul inventou uma personalidade característica, vestindo um fato andrajoso de mendigo errante. Uma cabeleira espantosamente desgrenhada, tornava a sua face lúgubre, quando pouco depois se transformou em palhaço.

— Eu voei e chorei — declarou Brynner a um dos seus muitos biógrafos.

Ele foi um acrobata soberbo e um palhaço triste até o dia em que num ensaio sofreu uma queda, esmagando um ombro e sofrendo várias fracturas. Yul calcula o número de fracturas que sofreu até hoje em 57.

O acidente terminou a carreira de Yul como trapezista.

Admitido como actor na Companhia de Georges e Ludmilla Pitoeff, russos brancos que representavam em Paris peças de Strindberg, Pirandello, Shaw e Ibsen, Yul Brynner desempenhou papéis de pequena responsabilidade, que o iniciaram nos segredos da arte teatral.

Yul trabalhou sem ser remunerado. Além do seu trabalho como actor, aprendeu a fazer cabeleiras, pintar e encenar (tornou-se um técnico de encenação), desenhar fatos, dirigir o palco e iluminá-lo.

Uma das primeiras pessoas atraídas pelo talento do jovem Brynner foi Jean Cocteau, figura de primeiro plano do teatro francês. Cocteau estabeleceu contacto com Yul Brynner quando este trabalhava ainda como acrobata de circo.

— Quando você se tornar um artista famoso — disse Cocteau a Yul, em tom paternal — esteja certo de uma coisa: nunca deixe os jornais invadirem a sua vida privada. Se o público souber que você tem casa de banho, deixará de o admirar.

Em 1939, rebenta a guerra. Yul é mobilizado. Ferido em combate, sofre baixa nas fileiras.

Em 1944, já residente na América, casou com Virgínia Gilmore. Um ano depois, adoeceu com tuberculose. Durante três meses, Yul permaneceu isolado na casa de um amigo em Mount Kisco, onde recuperou a saúde.

DEPOIS DA TUBERCULOSE — O TRIUNFO

Voltando ao palco, Yul desempenhou um papel importante na peça «The Lute Song», ao lado de Mary Martin, uma artista que actuou em vários filmes da «Paramount».

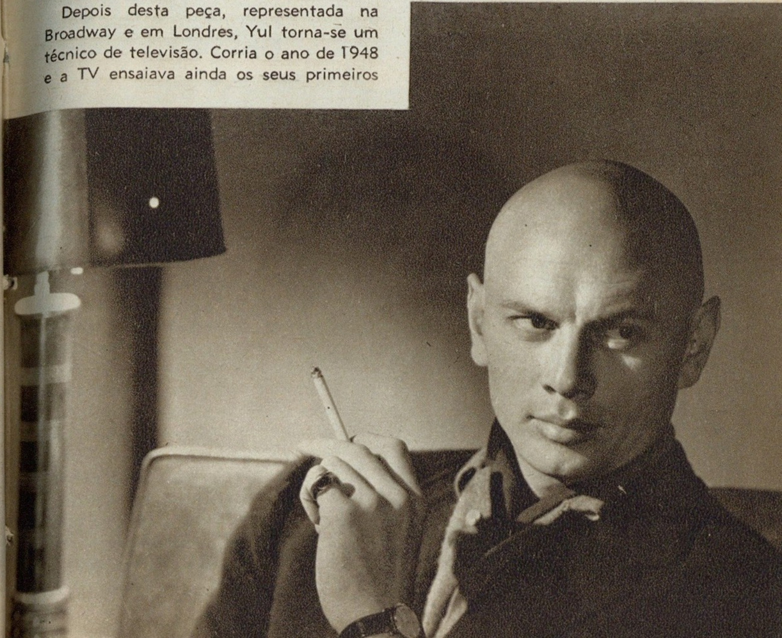
Depois desta peça, representada na Broadway e em Londres, Yul torna-se um técnico de televisão. Corria o ano de 1948 e a TV ensaiava ainda os seus primeiros passos. Em 1949, Yul procura conquistar Hollywood, mas apenas consegue um pequeno papel num filme rodado em Nova Iorque

Entretanto, os maiores teatros da Broadway abrem as suas portas a Yul Brynner, e em 1951, os famosos produtores Rodgers & Hammerstein confiam-lhe o principal papel da peça «O Rei e Eu».

A parte aventurosa da vida de Yul Brynner termina aqui, para ceder o seu lugar à fortuna e à celebridade.

Lenda ou realidade, a vida apaixonante de Yul Brynner constitui um dos temas mais sensacionais que o cinema pode abordar.

— Veremos ainda, em nossos dias, Yul Brynner desempenhar o seu próprio papel na vida real?









A calvície é o meu segredo!

Estas fotos documentam a evolução do crânio de Yul Brynner.

Na foto à esquerda (1945), o cabelo do grande actor apresenta-se comprido e forte, mas não abundante, acusando, na fronte alta, ligeiros prenúncios de calvície.

Ao centro (1953), Brynner mandou cortar o cabelo para deter a calvície.

Na foto à direita (1957), Brynner adoptou a careca como característica inseparável da sua personalidade.

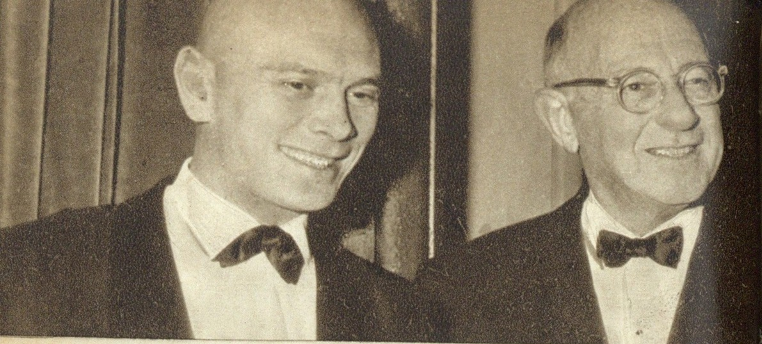
YUL CRYNNER É PARA AS MULHERES O QUE MARILYN MONROE É PARA OS HOMENS

O primeiro careca a aparecer no cinema foi Eric Von Stroheim — o autoritário austríaco, actor e realizador condecorado com a Legião de Honra pelos serviços prestados à Sétima Arte, e recentemente morto em Paris.

Stroheim chegou a ser conhecido como «o homem que as mulheres odiavam». Outro careca famoso foi Peter Lorre — igualmente odiado pelas mulheres. Todavia, tudo indica que o terceiro careca famoso nos anais do cinema, ficará assinalado — daqui a 20, 30, 40 ou 50 anos, após a sua morte — talvez com honras de lápide na casa que habita em Beverlly Hills, como «o careca que as mulheres amavam»...

De facto, Brynner é apontado como o homem mais fascinante que Hollywood dispõe hoje nos seus estúdios, não obstante ele ser tudo menos um «bonitão» tipo Rock Hudson ou Tony Curtis. Aqueles que são alérgicos às carecas chamam-no «cabeça de ovo», quem sabe se pagos pelas fábricas de milhares de produtos químicos contra a queda de cabelo, que vêem o seu negócio ameaçado actualmente pela popularidade da nova moda da «cabeça rapada» lançada por Brynner.

A verdade, no entanto, é que o actor declara: — «Não gosto de papéis românticos. Prefiro papéis de acção!». Seja como for, Brynner pode gabar-se de ser, no campo do romantismo, uma das maiores sensações de Hollywood. Está ainda por definir o que é «sex-appeal», «oomph», «glamour», etc. Mas quando alguém tentar semelhante proeza, terá de prestar primeiro a sua atenção sobre Yul Brynner. Ele é para as mulheres o que Marilyn Monroe é para os homens...



O actor transforma-se em realizador

Muitos dos grandes génios do cinema iniciaram as suas carreiras como actores e, mais tarde, dedicaram-se à realização de filmes. Exemplos: Charlie Chaplin, Eisenstein, Poudovkine, Eric von Stroheim, Vittorio de Sica...

Evidentemente, a par destes casos de triunfo, podem enumerar-se outros, de retumbante fracasso: Bárbara Virgínia em «Três dias sem Deus», ou Artur Semedo, em «O dinheiro dos pobres»...

Actualmente, o «caso» Yul Brynner toma proporções que suscitam a atenção até dos seus mais intransigentes detractores, em virtude da decisão verdadeiramente inesperada que Cecil B. de Mille — o grande mago dos filmes bíblicos — anunciou em Hollywood, e que deflagrou como uma bomba.

Pela primeira vez em 50 anos de cinema, Cecil B. de Mille resolveu entregar a realização do seu novo filme — «O Corsário Lafitte» — a outra pessoa, escolhendo Yul Byrnnes para a espinhosa missão.

Interrogado pelos jornalistas, De Mille justificou a sua decisão, salientando as «extraordinárias faculdades artísticas de Brynner». Na verdade, convém recordar que «o galã sem cabelos» actuou como encenador na Broadway e como director da televisão, e que, por várias vezes, dirigiu agrupamentos teatrais de amadores.

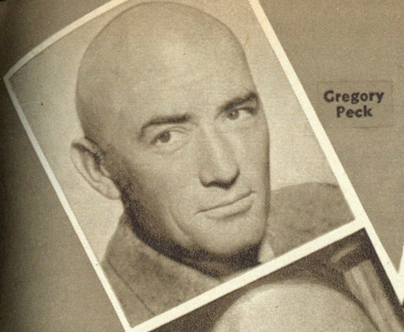
Permitirá a longa experiência de Brynner no teatro e na televisão levá-lo a alcandonar-se a uma posição de destaque entre os realizadores de Hollywood?

Registar-se-á um novo caso de génio semelhante aos de Chaplin e Vittorio de Sica? Ou, pelo contrário, a carreira de Brynner apagar-se-á no fracasso?

A opinião de CECIL B. DE MILLE

«É um admirável ensaiador, e será um dos nossos maiores realizadores. É também um dos raros homens que sabem suscitar a admiração apaixonada das mulheres sem perder a estima dos homens».

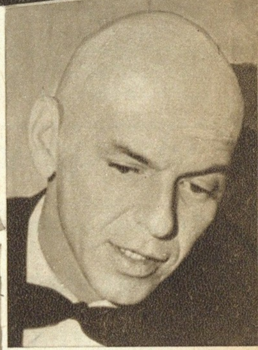
SOMOS TODOS CARECAS!



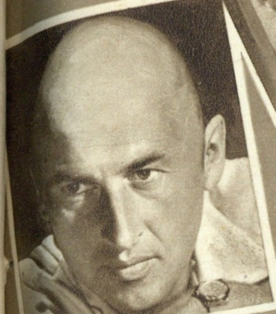
Gregory Peck



Tony Curtis



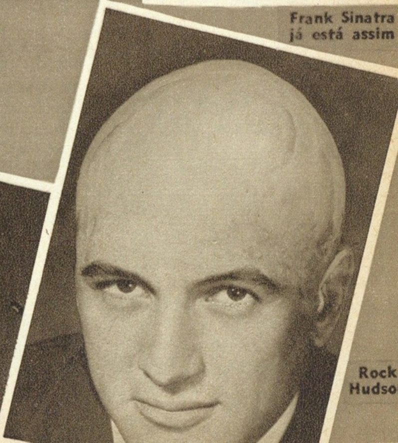
Frank Sinatra já está assim



Stawart Granger

Este não é «bonitão», mas o público adora-o pela sua incomparável comicidade. Não o acham mais engraçado com careca? «Monsieur Fernandel voici notre sugestion»...





Rock Hudso

SOMOS TODOS CARECAS

Não se assuste, leitora amiga. A legenda da página anterior é sòmente um título. Quisemos apenas pregar-lhe uma partida, mandando os seus ídolos — não ao barbeiro, mas ao desenhador... O efeito das carecas desenhadas nos rostos dos «bonitões» não pode deixar de causar um certo sorriso...

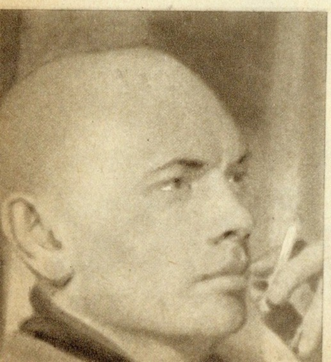
Resolverão os produtores de Hollywood aproveitar esta ideia? Como na Meca do cinema tudo se produz em série, desde os filmes até às histórias, é, de facto, para recear que pegue a moda dos crânios rapados e os galãs americanos passem a apresentar-se todos «à Yul Brynner».

Convém registar, no entanto, que, segundo parece, a moda já começou. Frank Sinatra, por exemplo, quis rapar, de facto, o cabelo, para poder interpretar um novo filme que retrata a figura do famoso chefe indiano, já falecido, Ghandi.

Lançado o rastilho, a moda vai explodir...

Prepare-se, leitora amiga...

YUL BRYNNER tem a mania de se fotografar com um cigarro entre os dedos?

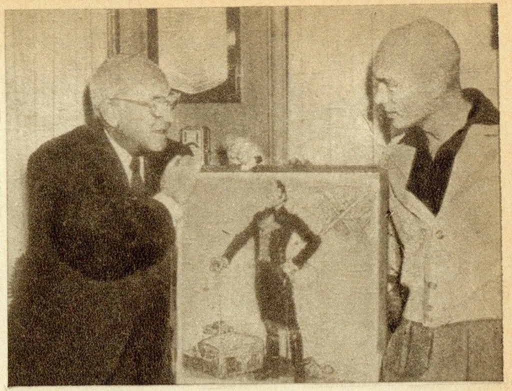


A originalidade de Yul Brynner não consiste apenas em se apresentar com o seu crânio escanhoado... Apontam-se-lhe outras características e tendências originais — muitas outras até...

Cremos ser a primeira vez, no entanto, que se aponta numa revista, o prazer favorito de Yul Brynner se fotografar com um cigarro entre os dedos... Uma boa percentagem das fotos de Brynner distribuidas na imprensa mundial, revela-nos o original galã segurando quase sempre o tal cigarro entre os dedos. Caso curioso: os cigarros estão sistemàticamente intactos, sem qualquer vestígio de cinza...

O cigarro entre os dedos será, pois, apenas um pormenor integrado na personalidade estranha e enigmática de Yul Brynner — ou, pelo contrário, é, de facto, o seu prazer favorito?

Eis o que não pudémos averiguar...



Yul Brynner deixou crescer o cabelo?

No seu quarto papel cinematográfico, Yul Brynner surge na figura de Jean Lafitte, o pirata de Nova Orleans que em 1914 ajudou o Presidente dos Estados Unidos — Andrew Jackson. O filme intitula-se «O Pirata Aventureiro» e marca também a estreia de Yul como realizador.

Até muito recentemente, persistia nos meios cinéfilos a convicção geral de que Yul Brynner sofria de calvície quase completa. Agora rebentou a bomba!

Para desempenhar o papel de Jean Lafitte, Brynner deixou crescer o cabelo e ostenta presentemente uma cabeleira comprida e ondeada como a de qualquer outro galã do cinema.

De resto, o segredo da careca luzidia que Yul Brynner ostentava nos seus três primeiros filmes foi recentemente descoberto, quando a mulher da limpeza do camarim do artista nos estúdios da «Fox» encontrou uma navalha de barba abandonada atrás do guarda-roupa...

VOCÊ SABIA QUE...

★ Brynner está preso a contratos cinematográficos até 1960?

★ Durante os 4 anos que trabalhou na Broadway, Brynner mudou cinco vezes de «partenaire» e totalizou cerca de 5.000 representações?

★ A secretária de Brynner, interrogada por um jornalista, declarou: — «Quando ele está próximo de mim e sinto a sua respiração, é como se me sentisse à beira da morte. É o animal mais formoso que conheci até hoje».

★ Opinião de uma actriz espanhola: «Brynner tem aspecto de marciano...».

Os filmes de Brynner figuram à cabeça das mais caras produções de Hollywood!

(Conclusão da pág. 5)

hoje pelo cinema. A mistura da moda inglesa e siamesa, contribuiu para revestir a personalidade de Brynner de exotismo, não esquecendo a atracção magnética que a intensidade do seu olhar exerce sobre os espectadores.

Por outro lado, os cenários construídos para «O Rei e Eu» custaram verdadeiras fortunas. A «Fox», por volta de 1945, produzira um filme baseado no mesmo tema, que em Portugal se intitulou «Ana e o Rei do Sião», com Rex Harrison e Linda Darnell nos principais papjéis. Para se avaliar a diferença entre um e outro filme basta dizer que sòmente um cenário de «O Rei e Eu» custou à «Fox» o preço completo da versão anterior.

A seguir, «Anastásia», filmado em Londres e Paris, rodeou-se de uma excelente campanha de publicidade baseada no facto de Ingrid Bergman regressar a uma companhia americana após oito longos anos de ausência. Esta publicidade bafejou muito a personalidade de Brynner, que na figura do general russo, austero e inflexível, que cede aos impulsos do amor, voltou a demonstrar as suas inconfundíveis qualidades histriónicas.

O esplendor e a riqueza dos cenários, especialmente a reconstituição de Paris e as cenas de recepção no palácio imperial, obrigaram o famoso produtor Darryl F. Zanuck a despender em «Anastásia» uma verba quase tão astronómica como a sua produção «E tudo o vento levou».

Finalmente, o terceiro filme de Yul Brynner custou 12 milhões de dólares, isto é, cerca de 350.000 contos em moeda portuguesa!... Trata-se de «Os 10 Mandamentos», a mais gigantesca produção e realização do famoso Cecil B. de Mille, que confiou a Brynner o papel do extravagante e brutal faraó Ramsés II do Egipto.



YUL BRYNNER
contratado pela METRO

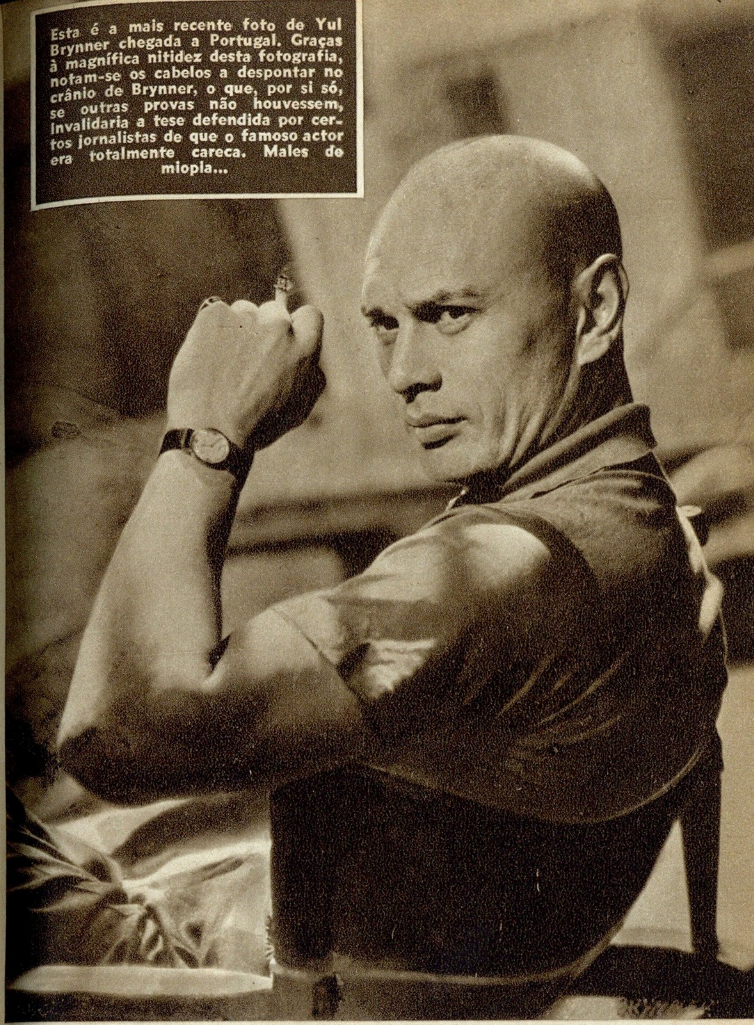
A M.G.M. acaba de contratar Yul Brynner para protagonista da nova versão cinematográfica da famosa obra de Dostoievsky, «Os irmãos Karamozov».

A realização ficará a cargo de Richard Brooks, o vigoroso director de «Sementes da Violência» e «A última caçada», com Pandro S. Berman na produção.

Para o principal papel feminino de «Os irmãos Karamazov» foi escolhida a jovem Carrol Baker, que vimos no papel de segunda filha de Rock Hudson em «O Gigante», e que se tornou, com o seu desempenho em «Baby Doll», uma das maiores actrizes modernas.

Independentemente do interesse dramático do famoso romance do imortal escritor russo, este filme suscita desde já a mais viva curiosidade por reunir duas das maiores revelações dos últimos anos sob a direcção de um talentoso realizador da moderna geração.

Esta é a mais recente foto de Yul Brynner chegada a Portugal. Graças à magnífica nitidez desta fotografia, notam-se os cabelos a despontar no crânio de Brynner, o que, por si só, se outras provas não houvessem, invalidaria a tese defendida por certos jornalistas de que o famoso actor era totalmente careca. Males de miopia...





Esta foto data de Setembro de 1944. Brynner sorri para sua mulher, Virgínia Gilmore, após a cerimónia do casamento. Embora com dificuldades económicas, no «copo-de-água» não faltou o caviar ou o champanhe.

A vida familiar de Yul Brynner

Parte da filosofia de Brynner como actor, consiste em deixar os jornalistas explorar a seu bel-prazer os aspectos íntimos da sua vida.

Cameron Shipp publicou recentemente, no «Red-Book», a propósito, um extenso artigo sobre Brynner, subordinado ao título: «O homem-mistério que se fez a si próprio». E em sub-título, a frase esclarecedora: «Yul contou-me seis versões do seu nascimento. Por mim, acreditei em todas».

«A MANEIRA COMO EU LAVO OS MEUS DENTES E O QUE SE PASSA NA MINHA FAMÍLIA NÃO INTERESSA A NINGUÉM. SE AS PESSOAS SE INTERESSAM POR MIM, SÓ TÊM QUE VER-ME TRABALHAR».

Apesar das atitudes de mistério que Brynner assume perante os jornalistas, ele comporta-se, na sua vida familiar, como um marido apaixonado e um pai extremoso — sem artifícios nem enigmas.

Depois do trabalho, Brynner, cabeça careca luzindo sob o sol da Califórnia, conduz o seu «Mercedes» directamente para casa, onde sua esposa, Virgínia Gilmore e seu filho Rocky, o esperam ansiosamente.

Os passatempos favoritos de Brynner consistem em ocupar-se do seu álbum fotográfico, estudar os seus livros de fiteca, onde avultam duzentas obras escolares.

Mas, entre todos os passatempos de Brynner, destaca-se o seu interesse pelos jogos e brincadeiras de seu filho Rocky, uma encantadora criança, que conta actualmente 12 anos de idade e possui uma abundante cabeleira negra...

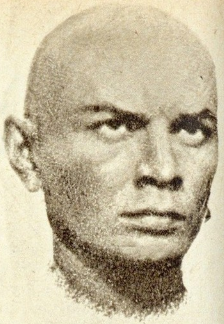
Brynner defende o princípio de que os artistas sensatos não se devem comportar como pessoas «vulgares». Contudo, ele não consente que na sua vida privada se intrometa quem quer que seja. Nenhum programa de televisão visitou até hoje o seu lar, porque Brynner recusa, sistemàticamente, apagar o fogo sagrado da sua vida privada.



Virgínia acompanha seu marido em todas as viagens ou nas festas realizadas em Hollywood. Ei-los à saída de um avião e durante uma recente visita a um «nigh-club».



O REI E EU



PRINCIPAIS ARTISTAS

Deborah Kerr — Yul Brynner — Rita Moreno
Martin Benson — Rex Thompson

PRINCIPAIS TÉCNICOS

Realização de Walter Lang
Argumento de Ernest Lehman
Música de Richard Rodgers
Partitura e canções de Oscar Hammerstein II
Coreografia de Jerome Robbins

Um filme de Rodgers & Hammersteins, apresentado por Darril Z. Nanuck para a 20th Century Fox. Em Cinemascope 55 e cor de Luxe. Som estereofónico. Metragem: 3818. Partes: 15. Ano de produção: 1956. Classificação em Portugal: para maiores de 12 anos. Estreado no Cinema Tivoli.



Em 1872, o Rei Mongkut do Sião contratou na Inglaterra uma professora de alta estirpe, chamada Ana, viúva ainda nova com um filho de poucos anos, para educar as centenas de príncipes e princesas que residiam no palácio do soberano, em Bangkok.

Mas mal Ana chegou à cidade sentiu, através da recepção desagradável do Primeiro Ministro Kralahome, que a sua presença não era desejada pelas forças defensoras das tradições siamesas. E logo exigiu que lhe construíssem uma casa perto do palácio, como constava do contrato, para impedir que o filho vivesse naquele ambiente de harém. Promessa que o Rei não cumpriu, claro está. Ana, furiosa, resolveu abandonar



o palácio... mas enternecida com a amizade e a simpatia dos alunos, acabou por ficar e por leccionar não só os príncipes, mas também as numerosas mulheres do Rei.

O Rei era um homem curioso, onde se digladiavam duas tendências opostas: o tirano e o adepto teórico das ideias mais modernas e brandas de governar. Ambicionava ser «científico», como ele próprio dizia. Mas por mais que tentasse modificar-se, o velho Rei Tirano, cruel e oriental, vinha sempre à superfície, o que desgostava profundamente Ana, que apostara consigo mesmo regenerá-lo.

Em vão, porém...

Era no príncipe herdeiro Chulongkorn que essas ideias acabariam finalmente por triunfar, quando o velho Rei morreu. Na agonia, ainda ouviu o filho decretar:

— De hoje em diante ninguém saúda o Rei, de rastos, como os sapos!...



ANASTASIA

PRINCIPAIS ARTISTAS

Ingrid Bergman — Yul Brynner
Helen Hayes — Akim Tamiroff
Martita Hunt — Félix Ailmer

PRINCIPAIS TÉCNICOS

Produtor: Buddy Adler
Realizador: Anatole Litvak
Argumentista: Arthur Laurents

Um filme de DAVID O. SELZENICK para a 20th Century Fox. Em Cinemascope e cor Luxe. Som Estereofónico. Metragem: 3019. Partes 11. Ano de produção: 1956. Classificação em Portugal: para maiores de 12 anos. Estreado no Cinema Tivoli.

Depois da Revolução Russa, em que o Czar e a família imperial foram fuzilados, começou a constar pela Europa que uma das filhas, a Grã-Duquesa Anastásia, se salvara graças à cumplicidade de dois guardas, que a transportaram semi-morta para a Roménia...

Imediatamente apareceram várias falsas Anastásias que se propunham receber a herança de muitos milhões de libras que o Czar depositara no Banco de Inglaterra.

Uma delas, porém, que usava o nome de Ana Koreff, tudo leva a crer que fosse a autêntica. Ao princípio, fugida dum manicómio, desmoralizada e louca — por mais que a interrogassem, nem sequer conseguia responder a esta pergunta simples: «Quem é?». Mas, de vez em quando, saíam da sua boca palavras perturbadoras que só podiam ser pronunciadas pela verdadeira Anastásia. Essas palavras e descrições chegavam a perturbar o próprio ex-general Bounine, chefe do Sindicato que resolvera «fabricar» uma Anastásia para apresentá-la à nobreza e apanhar depois a fabulosa riqueza do Banco de Inglaterra.





Pouco a pouco, Bounine, aproveitando a extraordinária semelhança de Ana Koreff com a Grã-Duquesa Anastásia — começa a ensiná-la a andar e a comer como a verdadeira princesa.

Depois de vários fiascos em Paris, Bounine resolve dar o golpe supremo e apresentá-la à Imperatriz-Viúva, mãe do Czar, que vive em Copenhague. Ao fim de várias peripécias, a Imperatriz acaba por reconhecê-la como neta e a autorizar o casamento com o seu sobrinho, o Príncipe Paulo...



Mas, Anastásia e Bounine amam-se. E a autêntica Grã-Duquesa, agora já completamente curada da loucura, resolve voltar a ser Ana Koreff para viver feliz com o homem que ama.

OS DEZ MANDAMENTOS



A 70.ª produção de Cecil B. de Mille, ao fim de meio século de intensa actividade na Paramount, apresenta uma das mais palpitantes histórias de toda a humanidade: a vida de Moisés.

Baseado nas Sagradas Escrituras e nos Escritos de Philos, José e outros, que relataram os 30 anos ignorados da vida de Moisés, «Os Dez Mandamentos» assinala a mais gigantesca mobilização de recursos que a indústria cinematográfica levou a efeito até hoje. O filme levou 10 anos a preparar, 3 anos em pesquisas e explorações preliminares, e requereu a permanência de longos meses no Médio Oriente da numerosa equipa de filmagens, Cecil B. de Mille mandou construir uma gigantesca esfinge perto das pirâmides do Egipto, representando Ramsés II segundo os traços de Brynner, e contratou 25.000 figurantes indígenas.



Yvonne de Carlo



Anne Baxter

Para o papel-chave de Ramsés II, Cecil B. de Mille, após demoradas pesquisas, escolheu Yul Brynner, que conseguiu, com a sua máscara dura e maleável, transpor as dificuldades que eriçavam a figura do fabuloso faraó do Egipto. Ao lado de Brynner, actuam dezenas de artistas famosos como Charles Heston, Anne Baxter, Yvonne de Carlo, etc.

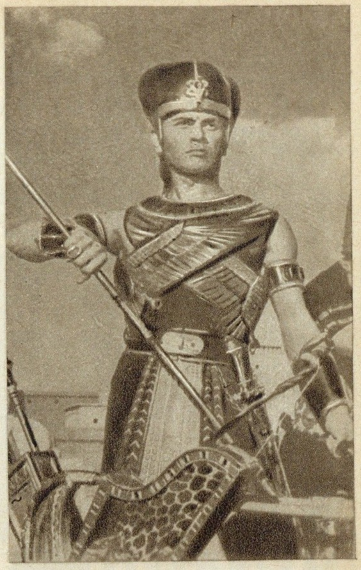
Estreado recentemente nos Estados Unidos, o filme e o desempenho de Brynner suscitaram frenéticos aplausos da assistência.

A Paramount prevê a apresentação em Portugal de «Os Dez Mandamentos» na abertura da próxima época.

PRINCIPAIS ARTISTAS

Charlton Heston
Yul Brynner
Anne Baxter
Edward G. Robinson
Yvonne de Carlo
Debra Paget

Produção e realização de Cecil B. de Mille
em Vistavision e Technicolor para a Paramount Pictures





Observe atentamente esta foto: Reconhece alguém na esfinge? Não se enganou, leitor amigo: são, de facto, as feições de Yul Brynner. Leia o texto junto.

ÁLBUM DOS ARTISTAS

APRESENTA

A SEGUIR

Marina Vlady



Jeff Chandler









N. 4

PREÇO 2$0

FOTOGRAVURA NACIONAL, LD